desenvolverem uma compreensão, respeito e apreciação por outras culturas e pode promover uma atitude positiva para pessoas de diferentes terras, raças e religiões.

As crianças na Educação Infantil compartilham uma notável variedade de experiências pessoais, valores e formas de compreensão. A linguagem que aprendem em sala de aula é a ferramenta que usam para moldar seus pensamentos e sentimentos. É mais do que uma forma de trocar informações e ampliar ideias, é o meio de se comunicar e se conectar com outras pessoas. As histórias podem ligar não apenas entre o mundo da sala de aula e o lar, mas também entre a sala de aula e além fornecendo uma linha comum que pode ajudar a unir culturas e fornecer uma ponte entre a lacuna cultural.

As histórias são contadas para compartilhar informações, transmitir lições e manter os entes queridos informados sobre nossos dias. Os professores podem usar a narrativa para promover o desenvolvimento cognitivo e de alfabetização das crianças; a narrativa fornece uma ponte crítica entre a linguagem oral da primeira infância e a linguagem mais madura da leitura e da escrita. Ela fornece uma razão convincente para a narrativa infantil, celebra as ideias das crianças e oferece uma oportunidade para a classe criar significado em torno de um texto de grande interesse.

REFERÊNCIAS

BAMBERGERD, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. 7.ed. São Paulo:

Ática, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Tradução de Aliene

Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

BRENMAN, I. Através da vidraça da escola: formando novos leitores. 2. ed. Belo

Horizonte: Aletria, 2012.

BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil. São Paulo: Petrópolis, 2003.

BRUNER, J. Mentes reais, mundos possíveis. Cambridge, MA: Harvard University

Press. (1986).

CADEMARTORI, L. O que é literatura infantil? 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

CAGNETI, Sueli de Souza. Livro que te quero livre. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: Teoria e prática.18 ed. São Paulo: Ática,1999

GARCIA, W. Et al. Histórias e oficinas pedagógicas. 2.ed. Belo Horizonte:

Fapi,2003. (Série Baú do contador de história, v. 5).

LIMA, L. C. Cidadania e educação: adaptação ao mercado competitivo ou participação na democratização. Porto, 2004.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. CIPPUS - Revista de Iniciação

Científica do Unilasalle, v. 1, n. 1, maio, 2012.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura.19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NORTON, D. Pelos olhos de uma criança: uma introdução à literatura infantil (8ª ed.). Boston, MA: Prentice-Hall.2010.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Cultura, arte e contação de histórias.

Goiânia, 2005.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Pelos olhos de uma criança: uma introdução à literatura infantil. Goiânia, 2005.

SCHANK, R. Conte-me uma história. Nova York, NY: Scribners. (1990).

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. In: Revista criança - do professor de educação infantil, v. 38, p. 10,2005.

A ARTE NA EDUCAÇÃO

MONICA PONTES

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o ensino das artes visuais na educação infantil. Questiona-se como vai a formação do professor de Arte? Como está sendo preparado o professor, no papel de orientador das práticas expressivas e sensíveis, para esse ensino? A resposta para essa questão seja a proposta dessa unidade, mas um conhecimento relevante para as questões do ensino da Arte se faz necessário. Assim, o professor passou a ser objeto de pesquisa em produções acadêmicas. Hoje, reflete-se, entre outros debates, sobre a prática acadêmica e a autonomia do professor, para que venha a ser, em especial o professor de Arte, o educador que propicia a formação cultural, no ensino escolar, por meio das linguagens artísticas e das expressões plásticas, cênicas ou musicais.

Palavras-chave: Pedagogia, Artes Vi-

suais, Educação infantil.

INTRODUÇÃO

A Educação infantil corresponde à educação ministrada desde o nascimento até os 6 anos, aproximadamente. Considerada indispensável, ela oferece os fundamentos do desenvolvimentoda criança num aspecto físico, psíquico, cognitivo e social (FREIRE, 2006).

Em 2001 foi criado "O Dia Nacional da Família na Escola" (13 de novembro, pelo Ministério da Educação para conscientizar pais, educadores e toda a sociedade sobre a importância da união entre a escola e a família na formação dos alunos. Inúmeros exemplos vivenciados mostram que a escola melhora quando a família está presente. Se a família se interessa pela escola, a criança se interessa mais pelos estudos. E melhora o relacionamento da família com a criança e vice-versa.

Este relatório tem como objetivo principal a preparação profissional para o exercício nesta valência. Ao longo da formação é dada a oportunidade de desenvolver atividades em contextos de educação pré-escolar (da rede privada e pública) que permitem um primeiro contacto com a realidade profissional.

É desta experiência que decorre uma primeira motivação para o tema da arte no desenvolvimento infantil: a constatação de que a educação pela arte neste contexto é reduzida (na maior parte dos casos) ao desenvolvimento da expressão plástica de uma forma muito redutora. Se a primeira motivação decorre das experiências vividas ao longo dos momentos de estágio, a segunda motivação decorre de um interesse em conhecer e compreender de que forma a arte contribui para o desenvolvimento integral da criança.

Sabemos (autores como Sousa (2003), Reis (2003) Vygotsky (1934)) que a educação pela arte contribui para o desenvolvimento em áreas como sociais, emocionais, cognitivas, criatividade, imaginação e neste sentido procurou-se recolher elementos que nos permitissem conhecer as conceções de vários profissionais (educadora e especialista na área das expressões) relativamente a esta temática.

E neste mesmo sentido procurou-se compreender melhor a importância que a arte tem e como se relaciona com as outras áreas. Como tal para a realização deste estudo, é preciso referir que optou-se pelo estudo qualitativo / interpretativo, em que a problemática que se coloca para a fundamentação deste estudo é qual a importância das expressões na arte para o desenvolvimento da criança? Para tal este estudo teve como objetivos principais: Primeiro conhecer e analisar o modo como são implementadas as expressões em salas de pré-escolar . Segundo reconhecer a importância da implementação das expressões no desenvolvimento global das crianças.

A arte é algo difícil de definir, como é defendido por Reis (2003) em que considera-a um dos fenômenos humanos mais difícil de definir não só pela riqueza das suas características, mas também pela forma como tem sido encarada ao longo dos tempos. Também estará incluído, nesta fase inicial a relação de educação artística e formação estética, neste ponto e de acordo com Sousa (2003), a educação artística sublinha a importância que a dimensão artística tem para a educação, pois envolve várias dimensões desde biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras da personalidade de uma forma harmoniosa.

Também neste ponto é abordado a relevância da criatividade e da imaginação através da arte, de seguida faremos referência à importância das expressões, em que começaremos pela expressão dramática, de que forma é que esta contribui para o desenvolvimento infantil, passaremos pela diferença entre drama infantil e drama educacional, logo de seguida abordaremos a dança e a dança educativa como forma de arte, faz-se referência à expressão musical e o que esta engloba para o desenvolvimento das crianças, por último deste ponto da importância das expressões abordaremos a expressão plástica, o que esta engloba e que importância tem para o desenvolvimento e para o crescimento da criança.

De seguida, salienta-se a articulação das áreas do saber, que é de extrema importância perceber como se relacionam as áreas e de forma é que são trabalhadas as áreas partindo da área da arte.

Reis (2003) considera que a arte na escola é fundamental, mas a forma como está inserida nos conteúdos de ensino, não são propriamente os melhores, pelo que menciona que os problemas nas reformas do sistema educativo no que diz respeito ao papel da arte, não há programas e métodos que coliguem as atividades ligadas aos conceitos essenciais transmitidos pela arte, como o lógico, o imaginativo ou o criativo.

Sousa (2003) reforça ainda que nas escolas tradicionais o que se pretende é executar com as crianças a aprendizagem da fala antes de compreender o que se ouve, ensina-la a ler antes de saber falar, ensiná-la a escrever antes de lhes permitir a experimentação de materiais de desenho ou de pintura, portanto não desfazendo da importância da aprendizagem da fala, da escrita, das contas, mas é importante que as escolas comecem pela arte, visto que já foi mencionado o que a arte trabalha e desenvolve com as crianças.

O fato de a criança ouvir uma canção permite-lhe memorizar cada som e cada palavra que haverá depois uma melhor aprendizagem na escrita e na fala. Nelson (1992, cit por Aires, 2011) tem procedimentos teóricos, em que por um lado se diferenciam, mas por outro lado coabitam e utilizam uma variedade de técnicas, entre estes existem estudos de

casos, entrevistas, observação, mas a escolha destas ferramentas que se pode utilizar depende sempre das estratégias implementadas, dos métodos e se os materiais empíricos se encontram disponíveis.

A criança é um campo fértil para a criatividade e a imaginação e nós, muitas vezes sem intenção, subestimamos sua capacidade e impedimos o seu desenvolvimento estético cada vez que interferimos demasiadamente e direcionamos sua expressão artística-criativa, sufocando as possibilidades de novos saberes. A mente humana é naturalmente investida de curiosidade, basta deixar a criação acontecer, sem modelos estereotipados, seja na dança, nas artes visuais, no teatro ou na música. Porém, sem esquecer do papel fundamental do professor, que deve ser o interlocutor, promotor e organizador do processo de criação. Papel que para desempenhar é necessário sair da zona de conforto, das atividades prontas e acabadas, da reprodução sistematizada e estéril, desprovida de intencionalidade e objetivos pedagógicos.

Para garantir oportunidades para a expressão viva da criança, precisamos considerar que "expressar não é responder a uma solicitação de alguém, mas mobilizar os sentidos em torno de algo significativo, dando uma outra forma ao percebido e vivido" (CUNHA, 1999), o que também é diferente de simplesmente "deixar fazer", acreditando na chamada "livre expressão". Para mobilizar os sentidos, é essencial o enriquecimento de experiências, promovendo encontros com diferentes linguagens, alimentando a imaginação para que meninos e meninas possam aventurar-se a ir além do habitual, à procura da própria voz e da sua poesia.

(OSTETTO, 2010).

PROBLEMA

Qual a importância da Arte da Educação?

OBJETIVO

O objetivo deste artigo é conhecer e analisar o modo como são implementadas as expressões em salas de pré-escolar . Reconhecer a importância da implementação das expressões no desenvolvimento global das crianças.

JUSTIFICATIVA

O presente estudo tem por finalidade elucidar a respeito da formação do professor de Artee como ele está sendo preparado.Qual o papel de orientador das práticas expressivas e sensíveis, para esse ensino?

A resposta para essa questão esta no conhecimento relevante para as questões do ensino da Arte.

MÉTODO

Para a realização da pesquisa utilizou-se como metodologia a Pesquisa Bibliográfica. Como também pode e deve ser pensado a partir da instituição escolar, a qual possui uma função fundamental, inserir a família no ambiente escolar. Se a família se interessa pela escola, a criança se interessa mais pelos estudos.

FUNDAMENTAÇÃO

A Arte foi introduzida no currículo escolar em 1971 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/ LDB, que rege todo sistema educacional brasileiro. Embora tenha sido reconhecida a importância da Arte para formação do aluno na sustentação legal, na realidade à sua construção foi bem aquém do esperado. Tal fato é atribuído por Ferraz e Fusari (2001) à pequena disponibilidade de professores formados, além de inexistir, por parte do sistema público de ensino, nenhum programa voltado para a formação dos professores.

Sem currículo definido, sua prática no ensino passa por dificuldades e as atividades artísticas propostas incluem várias linguagens, como: artes plásticas, artes cênicas, educação musical (BRASIL,MEC,1997, p.24), devendo ser o professor polivalente em sua atuação. Ainda para agravar este quadro, era cobrada a polivalência dos professores, mas estes não tinham formação para assumir com competência essas várias linguagens artísticas sendo que a maioria nem sequer possuía uma formação superior na área de Arte.

Por sua vez, segundo Martins (1998, p.41), os professores até então especializados em uma determinada área das Artes passaram a ter dificuldades para envolver as diversas habilidades artísticas em suas aulas.

Os professores de desenho, música trabalhos manuais, canto coral e artes aplicadas, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, viram esses saberes repentinamente transformados em "meras atividades artísticas".

Dessa maneira, perdeu-se o potencial de desenvolvimento de habilidades referentes à linguagem corporal e sensibilidade, com o desenvolvimento apenas de atividades de execução. Na tentativa de capacitar os professores, o governo ofereceu curso aos educadores da educação básica, uma formação, para cumprir à LDB 5.692/71, assim afirma o Parecer do MEC n. º 540/77:

[...] as escolas deverão contar com professores de Educação Artística, preferencialmente polivalente no primeiro grau. Mas o trabalho deve-se se desenvolver sempre que possível por atividades sem qualquer preocu-

pação seletiva.

Embora tenha existido um processo de formação, este aconteceu apenas de forma superficial, sem preparação dos professores para trabalhar com a vasta complexidade das diversas expressões artísticas. Entre os anos de 1970 e 1980, os professores tinham a responsabilidade desta prática polivalente, ao ensinar as várias linguagens artísticas no ensino fundamental e médio. Em consequência, a qualidade do ensino é empobrecida, pois a Educação Artística é trabalhada de forma ampla, diluída, sem concentração com maior qualidade em alguma das expressões artísticas. Outra tentativa de melhoria do ensino de Arte na escola foi a inserção do livro didático, que aconteceu de forma mais intensa ao final da década de 80.

Por sua vez, o livro didático foi trazido ao cenário da escola e tratado como um manual a ser seguido. Aguiar (1980) afirma sobre esta característica de ensino, através dos livros didáticos usados nesse período. Esse autor ressalta que o principal objetivo da inserção do livro didático, foi conferir um aspecto mais aplicado da informação. Até então, as aulas eram mais de teoria, a partir de então, passou a exigir uma maior relação com o aspecto prático.

Você poderá perceber que no livro não há história das artes, nem teoria musical, nem geometria... Isso porque estamos mais interessados na formação do que na informação. Ou seja, estamos mais interessados na vivencia do aluno do que na teorização. (AGUIAR, 1980 p.4).

Contudo, há que se ressaltar, segundo argumentações de Aguiar (1980) que o livro didático, apesar se buscar uma contextualização do ensino, não deve esgotar em si todas as possibilidades do trabalho na área de Artes, antes disso é só mais um recurso a ser utilizado pelo professor e não o único. Na década de 1980, formam-se movimentos contra ditadura militar, e tais movimentos sociais contribuíram para que os educadores conscientizassem de suas ações políticas. Esse movimento fortaleceu a tendência pedagógica sobre a qual a escola deveria trabalhar mais dentro de um contexto sociocultural, na qual fossem despertadas habilidades para que o aluno desenvolvesse seu lado crítico social e sua capacidade de interpretação de informações.

Neste período o movimento Arte-Educação se constrói, formado por professores de Arte da educação formal e não formal com a finalidade de buscar a valorização dos mesmos, conscientização, e qualidade do ensino de arte. (BRASIL, MEC,1997,p. 25)

De acordo com a proposta de Barbosa (1991), a arte-educação é muito diferenciada da formação de artistas. De acordo com a pesquisadora, o essencial é o desenvolvimento de habilidades que permitam ao aluno a construção de sua cidadania e sua capacidade de perceber e refletir sobre os diversos fenômenos artísticos. Outro ponto que influenciou mudanças no processo de ensino de arte foi a Constituição de 1988. No ano de 1988, foi publicada a nova constituição brasileira, considerando os direitos da cidadania.

Neste período, mudanças políticas da educação são conquistadas com lutas para inclusão do ensino de Arte em caráter obrigatório. Em decorrência da Constituição de 88 foram necessárias mudanças educacionais o que levou à promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB em 20 de dezembro de1996. A década de 90, representa um período importante na arte, com inserção da disciplina de Arte na educação formal.

A Lei nº 9.394/96 no seu art. 26, § 2º, afirma: "o ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos". Com a inserção da Arte como disciplina no currículo, passou ser então reconhecida como campo de conhecimento com seus conteúdos e linguagens: Artes Visuais, Teatro, Dança e a Música, abrangendo também no trabalho educativo a valorização da cultura local. Tratou-se de um momento importante na construção do currículo para a escola básica.

A LDB em seu artigo 26 afirma o seguinte sobre o currículo:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL, 1996, p. 15)

O governo brasileiro através do Art. 9º, da LDB 9394/96 se compromete em criar um Plano Nacional de Educação, para cumprir com a legalidade foi elaborado o Plano Decenal de Educação para Todos - 1993/2003, este em concordância com a lei 1988, afirma: Nesse processo de construção de um currículo que abrigasse a heterogeneidade da escola, foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, que organizaram para cada disciplina, as habilidades, os objetivos e os conteúdos que deveriam ser abordados.

No ano 1997 foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacional de Arte – PCNs/Arte, pela Secretaria de Ensino Fundamental do Ministério da Educação. Este é um documento que contribui de maneira importante para o ensino da Arte. Não se trata de uma proposta metodológica, mas um conjunto de orientações para o trabalho pedagógico nas escolas públicas, visando tornar não só o aluno autônomo, mas também o professor.

O PCN deve auxiliar o professor em sua prática docente, pois é um referencial para seu planejamento. Neste campo de conhecimento não é uma indicação metodológica, apesar de propor uma educação em Arte que valorize as praticas do apreciar, produzir e contextualizar,

no sentido de garantir um ensino de qualidade.

Para se compreender como as artes, em suas diversas formas, contribuem para a construção do conhecimento humano, é necessário investigar o que é e como se dá a construção do conhecimento. Segundo Moreno (2001), para se compreender o que é o conhecimento, é possível apoiar-se em variadas perspectivas, entre elas: a filosófica, a psicológica e a histórica. Conforme Sousa apud Moreno (2001), a perspectiva filosófica entende que o conhecimento é o resultado da apropriação, pelo homem, de dados empíricos e de ideias, na busca de entendimento da realidade. Na perspectiva de Piaget (1980), o conhecimento configura-se como uma construção contínua de mediação entre o sujeito e o objeto, ou seja, entre o meio físico e o social.

Nessa ação, o indivíduo constrói novas estruturas mentais, estabelecendo condições e capacidades próprias de conhecer. Sendo assim, o indivíduo não aprende como se ele fosse um depósito de informações. No processo de construção de conhecimento, o indivíduo é sujeito ativo, só vai aprender significativamente se houver uma interação com o objeto. Com base na teoria piagetiana, o indivíduo é sujeito do processo de construção do seu conhecimento e esse processo só é possível mediante a sua ação.

É importante ressaltar que um trabalho artístico sempre carrega a marca do seu criador, ou seja, traz embutida, em si, a ação do sujeito que a criou, que é fruto de sua interação com o meio e com o próprio objeto criado. Nesse processo, o indivíduo é capaz de construir o entendimento de novos conceitos referentes a materiais e a técnicas utilizadas, o que se dá nas artes plásticas, na dança, no teatro, na música, e na produção de poesias. As Artes constituem atividades pelas quais o indivíduo é despertado para a criatividade, a qual se acentua com a prática.

Para Mitjáns Martinez (2000, p. 54), "criatividade é o processo de descoberta ou produção de algo novo, que cumpre exigências de uma determinada situação social, processo que, além disso, tem um caráter personológico", ou seja, carrega aspectos da personalidade. O ato criativo é um processo que sempre traz algo da pessoa que o executa. Uma pintura, por exemplo, por mais que uma pessoa tente fazê-la igual a uma outra, nunca o será, sempre apresentará algo diferente. Como processo de criação do novo, a arte favorece a superação, do que é igual, da reprodução, favorece o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa e criativa.

A transmissão de conhecimentos ou informações permite que se conheça o que ainda não se conhecia. Não se pode negar que parte dos conhecimentos aprendidos e que um dia foram construídos, são transmitidos por pais, professores e amigos, conhecimentos estes que são alvo de indagações e de dúvidas, mas que, muitas vezes, são repassados, erroneamente, como verdades absolutas. A transmissão é uma das formas de se propiciar a aquisição de conhecimento, mas não é a única e nem a melhor maneira de efetivar um processo de ensino/aprendizagem.

Transmitir por transmitir, sem esperar que o aluno indague sobre o que ouviu ou leu, é mera transmissão de informação. Não refletir sobre o que se lê ou ouve é uma forma mecanizada de aprender. Por muito tempo, e ainda hoje, infelizmente, esta situação de ensino é realidade. Incluir a arte no processo de ensino de crianças é um recurso eficiente para que o aluno desenvolva suas capacidades criativas.

Entretanto, embora os precursores da educação de crianças tenham propagado, há muito tempo, ideias inovadoras de educação, que incentivam a criatividade e a espontaneidade, e muitas propostas de inserção da arte na educação tenham sido apresentadas, tais questões têm sido discutidas, há bem pouco tempo, no Brasil. A educação artística só foi incluída no currículo, com obrigatoriedade, em 1971, pela lei 5.692, e ainda assim, o professor não estava preparado para isso. É notável a resistência e/ou o menosprezo ao objetivo de formar um aluno mais reflexivo e crítico de si e do mundo, por parte até mesmo de professores. (SANTORO, s/d).

O sistema educacional, de forma geral, volta-se para a reprodução do conhecimento, sendo assim, submete e limita o aluno, levando-o a não precisar pensar. Deste modo, o conhecimento que se recebe é somente assimilado e reproduzido, pouco tempo e espaço se reserva para que o aluno desenvolva a criação e libere a imaginação.

Porém, sabe-se que existe uma razão para que isso aconteça, principalmente na escola pública, que encontra múltiplas dificuldades para desenvolver os conteúdos ditos básicos do ensino, por falta de estrutura física e pela escassez de recursos materiais e humanos, os maiores dificultadores de um trabalho diferenciado. O espaço e o tempo disponíveis para as escolas e para os professores, em muitos casos, não são adequados para a realização de um ensino totalmente voltado para os alunos (ALENCAR, 1990).

Para a autora, no sistema educacional brasileiro, o que se enfatiza, de modo exagerado, é a memorização, que se reflete negativamente na aprendizagem, não estimulando o aluno ao ato de pensar. Outro obstáculo é a extensão do tempo, que é curto em relação ao conteúdo exigido, com isso, não se tem oportunidade de desenvolver atividades que exploram o potencial criador da criança.

Talvez, um dos motivos que têm levado as escolas a conduzir o ensino de acordo com tais moldes, tenha sido o modo como a ciência foi construída ao longo dos anos, cuja ênfase está na racionalização em detrimento do que é subjetivo no homem: o sentimento

e a intuição. Porém, sabe-se que a educação é uma instituição humana, portanto, carregada de subjetividade, que só se pode sentir e não medir.

De acordo com Tozetto (2005), a sociedade vive um conflito entre o útil e o agradável, o que leva o homem a fazer separações entre sentimentos/emoções e raciocínio/conhecimento intelectual, e a refletir que as emoções podem atrapalhar o desenvolvimento intelectual do homem. A escola, assim como a sociedade de modo geral, trabalha a favor dessa ideia, reservando pouco espaço, tempo e oportunidade para fluência de sentimentos e emoções, prejudicando, desse modo, o desenvolvimento integral do homem. Mitjáns Martinez (2000, p. 57) entende que "a atividade criativa é aquela de um sujeito que precisamente no ato criativo, expressa suas potencialidades de caráter cognitivo e afetivo em uma unidade indissolúvel...

condição indispensável para o processo criativo".

Como já foi discutido, a valorização da lógica e da razão, em detrimento do sentimento e da intuição, funciona como barreira cultural ao potencial criador do indivíduo (Alencar, 1990). A sociedade atual se revela cada vez mais racional, o que obstaliza o desenvolvimento da imaginação, pois o sentimento, a intuição e a sensibilidade são considerados como empecilhos para a aprendizagem do que realmente interessa no contexto da contemporaneidade. Porém, usando a imaginação, o homem constrói sonhos e trabalha em favor de mudanças na sua realidade. Para Duarte:

A arte se constitui num estímulo permanente para que nossa imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir-se. Pela arte a imaginação é convidada a atuar, rompendo o estreito espaço que o cotidiano lhe reservava. (DUARTE JR, 1985, p.67)

Assim, a inclusão da arte no currículo escolar se justifica pela sua capacidade de conscientizar os alunos de suas potencialidades e habilidades criativas. As artes contribuem, também, para o desenvolvimento da personalidade e do espírito crítico de si e do mundo, conforme ressalta Santoro (s/d) em seu artigo "Uma luta por um ensino menos mecanizado". Liberar as potencialidades criadoras do indivíduo é condição fundamental para uma verdadeira educação.

O ato de criar pressupõe um ato de autonomia, pois não há como criar sem autonomia. As atividades artísticas provocam o "pensar com autonomia", portanto, as artes desempenham um papel importante para o desenvolvimento autônomo da criança. Segundo Mosquera (1976, p. 121), o objetivo maior do ensino, por meio da arte, para as crianças, "é a compreensão e o valor da criança como ser criador".

Sendo a criação um ato espontâneo, de livre expressão, partirá sempre da autonomia do indivíduo. Portanto, propiciar o ato criativo é desenvolver a autonomia. Em seu significado, autonomia pressupõe uma libertação, uma independência, ou seja, ser autônomo é não mais estar preso ao que é do outros, à cópia, à repetição; para ser autônomo, o indivíduo necessita muito mais do que simplesmente memorizar ou copiar. Por esta razão, a arte tende a desencadear, na educação de crianças, um processo de fazer próprio, de almejar o que está dentro de si, a partir do que se vivencia socialmente, de buscar não somente a memorização e repetição do que se ouviu ou leu, mas a criação.

Para Mosquera (1976, p.122), o fazer artístico configura-se sempre como

"uma atitude criativa, a estagnação significa sua pobreza e morte". Assim, o fazer arte sempre traz ao indivíduo o sentido de criar, criar é gerar algo novo, mesmo que este parta de alguma outra referência já criada, ela sempre será recriada, portanto assim como a arte, o conhecimento não pode nunca estagnar-se. Se o processo educacional se estagna no que diz respeito à ideias e propostas de aprendizado, isso implica em pobreza, sua morte, ou seja, ele não terá sentido de existir em uma sociedade que está em constante mudança, mudança esta gerida pelo próprio homem.

Tendo a educação a função de possibilitar ao homem o viver e o transformar a sua sociedade, deve-se, então, caminhar para a transformação e não para a estagnação. Reproduzir o que se construiu até hoje, sem proposições de novas criações, acabaria por gerar estagnação social, o que pode traduzir-se como morte.

A educação exerce um papel primordial no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Por essa afirmação, é fácil perceber que o futuro de um aluno que é instigado, que desenvolve a criatividade e o pensamento crítico, tem perspectivas melhores de inserção na sociedade, pela possibilidade de conscientizar-se do seu lugar de cidadão. A realidade atual apresenta-se, muitas vezes, violenta e hostil, carregada de desumanidade e destruição, e todos, crianças e adultos, tornam-se vulneráveis neste contexto.

Kramer (2003) reflete sobre essa realidade, entendendo-a como uma barbárie e defende que, para a superação da mesma, a educação deve se dar numa perspectiva que conduza os educandos para uma humanização, de modo que se estabeleçam experiências de socialização, de trabalho coletivo e de valorização de si e do outro. É preciso formar o homem para que ele seja capaz de ler e escrever o mundo em que vive, isto é, para que ele tenha condições de analisar a realidade e, assim, criar estratégias para modificá-la no que for preciso, de modo que o mundo se torne um espaço de partilhamento de cultura e

de construção da paz.

Segundo Kramer (2003), a cultura é uma junção de tradições, costumes, valores, história e experiências que se manifestam por meio das danças, das roupas, da música, das festas etc. A autora entende que a criança precisa conhecer e vivenciar a cultura na qual está inserida, para, a partir daí, poder fazer parte da construção cultural, que é dinâmica e, assim, está em constante transformação. As artes partem das manifestações culturais, desse modo, é importante que as crianças as vivenciem e produzam, pois, assim, podem reconhecer-se como também produtoras dessa cultura.

Porém, para tanto, é necessário que a criança tenha oportunidades de desenvolver a criatividade e a expressão livre, e que, neste processo, ela possa se conhecer e conhecer os outros, formando-se integralmente. As artes, em todas as suas modalidades, exploram, inevitavelmente, a expressão, a criatividade, a imaginação, a intuição e a sensibilidade de uma pessoa. As artes plásticas assumem um papel de grande relevância para o processo de aprendizagem e socialização da criança. Nesse sentido, Bessa ressalta que:

Quando a criança pinta, desenha, modela ou constrói regularmente, a evolução se acelera. Ela pode atingir um grau de maturidade de expressão que ultrapassa a medida comum. Por outro lado, a criação artística traz a marca de uma individualidade, provoca libertação de tensões e energias, instaura uma disciplina formativa, interna de pensamento e de ação que favorece a manutenção do equilíbrio tão necessário para que a aprendizagem se processe sem entraves, e a integração social sem dificuldades (BESSA, 1972, p. 13).

A livre expressão é um meio pelo qual se revela a essência da personalidade, pois subentende exteriorização e representação. Apesar da espontaneidade quase sempre presente na criança, a realidade social e material não 27 possibilitam que a mesma expresse as suas realidades subjetivas. Através da pintura, desenho, esculturas e outras formas de artes plásticas realizam-se desejos, satisfazem-se necessidades e se afirma o Eu, ou seja, a pessoa se revela para si mesma. Assim, ao exercitar a expressão livre, a criança libera sua subjetividade e se conhece cada vez mais.

Para Alencar (1990), existem fatores que funcionam como repressão ao potencial criador, fatores estes que contribuem para a construção de uma visão limitada dos próprios talentos e potencialidades, dentre as quais, o medo da crítica e a ideia de que o talento está presente em poucos indivíduos. Segundo a autora, é a sociedade que inculca esses medos, através das crenças e valores estabelecidos, que são repassados, muitas vezes, e que, de forma gradual, atingem as crianças, por meio das proibições e repreensões exercidas pelos adultos. São estas barreiras emocionais e culturais que inviabilizam a visão da arte como criação e não reprodução.

Dentre as barreiras emocionais, a apatia, a insegurança, o medo, sentimentos de inferioridade e o autoconceito negativo, inibem uma forma de pensar mais inovadora e criadora. Alencar (1990) define o autoconceito como a imagem subjetiva que cada um possui de si mesmo. O autoconceito constitui fator determinante daquilo que se é e caracteriza-se por facetas que podem ser mais positivas ou mais negativas, como exemplo: “Eu sou uma pessoa habilidosa, mas sou uma pessoa muito tímida”.

Este exemplo apresenta características positivas e negativas da personalidade de uma pessoa, porém, existem pessoas que possuem um autoconceito totalmente negativo. Em relação a essas barreiras emocionais, é possível efetuar mudanças, e o professor tem um papel importante no sentido de propiciar as condições favoráveis para o desenvolvimento de habilidades e talentos dos alunos. Não desconsiderando as diversas atividades pelas quais se pode realizar tal estímulo, é importante salientar que as artes possibilitam o reforço de estímulos positivos para a construção de um autoconceito que valorize muito mais as habilidades do que as dificuldades, contribuindo, desse modo, para a elevação da auto-estima dos alunos.

A educação não se limita à estruturação e à apropriação de conhecimentos técnicos, históricos, matemáticos, geográficos, entre muitos outros tão necessários para a formação humana, mas compreende também o objetivo de humanizar, de favorecer o crescimento intelectual, emocional/afetivo e cultural da criança, no sentido de que esta possa incorporar valores como solidariedade, inquietude e desejo de mudança, sensibilidade, sentido e vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho foi bastante gratificante, pois possibilitou a busca sobre um assunto que sempre me causou curiosidade no decorrer da graduação, em que a intenção de pesquisar e realizar um trabalho nesta perspectiva sempre esteve presente.

O levantamento de fundamentos para a defesa da utilização da arte na educação de crianças proporcionou-me prazer e o desejo de buscar ainda mais, de conhecer o assunto e suas especificidades, objetivando o crescimento pessoal e profissional. Ler e conhecer a função da arte na educação propicia um vasto enriquecimento, passa-se a entender a contribuição e a importância da mesma na vida das pessoas em geral, sejam elas crianças, jovens, adultos ou idosos.

A arte favorece o contato das pessoas com a própria cultura e também com outras culturas. Um trabalho de pesquisa é sempre

instigante, pois propicia ao pesquisador uma ampliação de conhecimentos. Pode-se perceber, também, que a leitura, no processo acadêmico, é uma atividade fundamental e formadora, e a escrita é o registro das ideias que foram apreendidas.

Este trabalho funcionou como uma oportunidade muito válida para se adentrar nesta complexa e desafiadora atividade que é a pesquisa. Os objetivos propostos foram alcançados, pois as ideias dos autores pesquisados dialogaram umas com as outras e responderam às questões levantadas, ou seja, a arte é importante para o processo de educação de crianças de 0 a 10 anos, porque possibilita um caminho de superação do ensino mecanizado, voltado à codificação e à cópia de informações, e abre um leque de possibilidades de incorporação de valores, sentidos, fantasias, cores, alegria e vida.

Assim, foi pensando nos professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que se buscou apresentar sugestões de projetos de arte para serem utilizados junto às crianças. Considera-se que, além da família, os professores são os principais interventores no processo de educação da criança.

Uma pesquisa científica sempre gera contribuições para a vida de qualquer profissional. A pesquisa sobre a arte na educação de crianças pode trazer as 53 respostas e as propostas necessárias para a atuação do docente que considera o ensinar como uma forma de provocar o criar, o fazer, o buscar, o analisar, o interpretar e o expressar, e não apenas como uma mera transmissão de conteúdos, sendo este, um pedagogo, um professor ou qualquer outro profissional envolvido na educação de crianças.

Segundo Freire (1996, p. 97), "O espaço pedagógico é um texto para ser constantemente "lido", interpretado, "escrito", e "reescrito".", assim, a educação é uma área em que, a todo instante, constrói-se, destrói-se, e se reconstrói novas formas de desenvolver a maneira de educar. Ela é repleta de desafios e questões que necessitam ser superados para que o trabalho obtenha bons resultados.

Mesmo diante dos inúmeros impedimentos presentes nas escolas, da desvalorização da arte como área de conhecimento, e da desvalorização do professor, que não é compreendido como agente de transformação social, acreditase que nada será possível se nada se fizer pela educação.

É importante ressaltar que não se exclui a responsabilidade do poder público para com a educação, este, tem sim o dever de dar seguridade de uma educação de qualidade para nossas crianças, porém, se o professor não cuidar do seu espaço de trabalho, se não o organizar e não o considerar importante, ninguém o fará por ele. Indo mais além, ele não progredirá, ou seja, não alcançará o objetivo de uma educação significativa para as crianças, mesmo que esta seja um direito.

Conclui-se, assim, que o professor pode construir, junto com seus alunos, um espaço fecundo de possibilidades de conhecimentos, de vida e de sonhos, um espaço onde as crianças podem viver profundamente a sua infância, com autonomia e criatividade, de forma ativa e responsável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Como desenvolver o potencial criador: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1990.

ALVES, Magda. Como escrever teses e monografias: um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Elzevier, 2003.

ÁVILA, M. B.; SILVA, K. B. À. A música na educação infantil. In: NICOLAU, M. L. M; DIAS, M. C. M (orgs). Oficinas de sonho e realidade: Formação do educador da infância. Campinas: Papirus, 2003.

AGUIAR, Glorinha. Educação Artística: primeiro grau. São Paulo: Ática, 1980.

AZEVEDO, F. A. G. de. Arte: linguagem que articula conhecimentos na construção de competências. 5f. Recife, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2007.

BESSA, Marylda. Artes plásticas entre as crianças. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1972.

BORBA, Ângela Meyer; GOULART, Cecília. As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade. 2 ed. Brasília, 2007.

DIAS, Karina Sperle. Formação estética: em busca do olhar sensível. In: KRAMER,

Sonia; GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. (Orgs.). Infância e Educação Infantil. Campinas: Papirus, 1999, p. 175-201.

DUARTE JR., João Francisco. Por que arte-educação? 2ª ed. Campinas: Papirus, 1985.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa.

São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, João Luiz. Comênio ou da arte de ensinar tudo a todos. Campinas:

Papirus, 1994.

GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. História, cultura e expressão: Fundamentos na formação professor.